

A FÚRIA DE UM MUNDO AGONIZANTE.

ARTHUR J. ALMEIDA DINIZ*

As presentes considerações sobre a crise atual foram motivadas na leitura do artigo definitivo do psicanalista Jurandir Freire Costa (*A fúria de um mundo agonizante* Folha de S.Paulo.01/04/03 p.A 22). O autor declara que estamos prestes a jogar para o alto séculos de cultura humanitária, em favor de um mundo cuja escala moral é a sarjeta. Na guerra contra o Iraque, isso fica visível.

Não é outra a conclusão do pensador e historiador da filosofia, Giovanni Reale, da Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão. Identifica ele nosso atual *malaise* como o fruto do individualismo levado ao extremo. A redução maciça do homem a uma única dimensão. Vivemos a transição no espaço nacional e internacional, de natureza imprevisível e desafiadora. Qualquer antecipação do quadro atual seria temerária.

O Direito Internacional Público desenvolveu-se muito em diversas áreas de atuação. Sua fisionomia clássica vem se modificando significativamente. Por classicismo entendemos aqui as vinculações deste direito com o surto expansionista da Europa a partir do século XV.

Hoje existe um sentimento comum partilhado por todos seus estudiosos: o da total incerteza de sua eficácia na maioria dos

* Professor Titular de Direito Internacional da Faculdade de Direito da UFMG.

conflitos atualmente em curso na comunidade internacional dos Estados. O desprezo da atual administração norte-americana perante os Direitos Humanos, a Comunidade Internacional e a Organização das Nações Unidas reflete uma atitude arrogante e ignorante.

Acrescentemos nossa sensação de impotência ante as catástrofes naturais e políticas.

O desequilíbrio da vida internacional é fruto da desorientação perante o futuro face a conquistas tecnológicas jamais sonhadas. O descalabro econômico geral desencadeou forças desconhecidas e perturbadoras em suas implicações no cotidiano. A vitória de Piro dos EUA no Iraque é emblemática. Seu custo mensal de quatro bilhões de dólares nessa louca aventura, virou um pesadelo.

Alvin e Heidi Tofler chamam atenção para a desilusão política acelerada na maioria dos países. Os eleitores exigem resposta instantânea de funcionários dos governos sobrecarregados e confusos. O mal-estar contemporâneo desvelou a face sinistra de um sistema econômico perverso e totalmente falido: o neoliberalismo.

A Veneranda Joanna de Ângelis comenta os rescaldos da insensibilidade dos poderosos, queimando *as carnes das almas* necessitadas. Os pobres enxameiam nos meandros das necessidades imediatas, atacando-se em desespero e partindo para a agressão, para a violência urbana avassaladora (FRANCO, Divaldo P. O *Despertar do Espírito*; pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: Alvorada, p.13).

É a pilhagem do Estado-Nação por uma classe política de abutres. Note-se a agressividade crescente dos Estados, principalmente dos saídos dos escombros do império soviético.

Trata-se de fatos complexos demais, impossível de serem analisados apenas sob a ótica do direito internacional. Este pode ser

definido com um ‘corpus’ de normas consuetudinárias e tratados, pagando pesado tributo à influência eurocêntrica.

As análises dos cientistas sociais pecam pela parcialidade das premissas. Uma síntese filosófica seria impossível. As correntes filosóficas contemporâneas baniram o conceito essencial integrando a idéia de ser humano: o da sua imortalidade. A filosofia se preocupa atualmente no aprofundamento do campo ‘psico-lingüístico’ em detrimento da própria psiquê.

Um compromisso tácito foi assumido por todos os interessados nas questões jurídicas do âmbito internacional e por especialistas de vários matizes: oferecer uma explicação, uma tentativa de síntese, para não dizer uma ‘receita’. Buscam inconscientemente, talvez, responder à pergunta terrível da Esfinge ressurgida das areias do deserto, no tocante à nova situação geopolítica no Oriente-Médio. Esses dramas delineiam a nova ordem internacional. A Esfinge repete a ameaça dos milênios : “Decifra-me ou devoro-te”.

Como decifrar o paradoxo da pobreza das nações? Como explicar, face ao desenvolvimento científico superando o de todos séculos passados, riqueza jamais sonhada pelo mais ambicioso déspota, ainda possa existir colossal miséria desconhecida na Antigüidade?

As estatísticas das agências especializadas das Nações Unidas traduzem realidade desmoralizante. Segundo os dados fornecidos, em dez anos, a dívida do terceiro mundo mais que duplicou, atingindo, em 2000, a soma de vários trilhões de dólares. A América Latina é o continente mais endividado do mundo em *valor absoluto*. Superou a cifra de um trilhão de dólares, roendo mais de 50% de suas receitas de exportação. (BRISSET, Claire. *Croissance des inégalités au Nord comme au Sud. L’Etat du monde*. ed. 1993. Paris: La Découverte, p. 571: dados atualizados para 2003).

O orçamento militar dos Estados Unidos já ultrapassou a casa do trilhão de dólares. Paradoxo e desafio. Como conciliar, ou em economês, gerenciar estes desequilíbrios? Se falharmos na solução do escândalo da riqueza inaudita convivendo com a pobreza abjeta, seremos devorados.

Karl Jaspers (*The End of Colonialism* IN: ECKSTEIN, Harry & APTER, David, ed. *Comparative Politics*. New York: The Free Press, 1966, p.604-616) descreve a origem das deformidades contemporâneas. A expansão européia foi algo diferente das conquistas, migrações e movimentos coloniais. A agressão ocidental atingiu todos os povos não-ocidentais. Foi a conquista do globo. Um fator importante é que a atual divisão de territórios e Estados é o resultado de uma história muitas vezes acidental. Algumas nações possuem vastas extensões territoriais com abundância de recursos – América, Rússia, China. Outros possuem localização exígua. Com exigências relativas à limitação dos estrangeiros, dos metecos. Fruto de racismo e preconceitos injustificáveis, a Austrália durante muito tempo recusou a imigração japonesa. A Rússia sempre lutou contra a imigração chinesa. Quaisquer avanços em territórios de outros Estados significou guerra.

Mas a resposta de Jaspers com referência à especificidade da colonização européia é mais ampla. O mundo inteiro tornou-se presa fácil do pálio europeu de dinheiro e novos costumes. Um abismo existe entre a Europa e o mundo. A Europa caracterizava-se por um ethos comum, uma comunidade na religião bíblica e uma ordem jurídica construída por tratados e partilhas.

Fora da Europa, pensavam os colonizadores europeus, havia vastas extensões de terras desocupadas. Era um convite à pilhagem, ocupação, colonização e exploração, por quem desejasse e fosse audacioso o bastante. Tal rapinagem é fruto da revolução tecnológica européia iniciada durante o Renascimento: arte da navegação, armas aperfeiçoadas.

A África foi violada pelo Ocidente: perversamente, os europeus reuniram sob um mesmo simulacro de país, culturas inimigas, povos que lutavam entre si há muitos séculos, falando línguas inteiramente diversas. É a aplicação do conselho velhaco de dividir para reinar. As culturas africanas, as diversas etnias podem ser visualizadas no sentido norte-sul. A cultura da avareza européia aprisionou povos tradicionalmente inimigos em “países” criados no sentido leste-oeste.

Seria como colocar raposas e galinhas no mesmo cercado. Os conflitos jamais cessarão enquanto essa repartição geopolítica odiosa continuar.

Para o sociólogo Jean-Ziegler, todos os Estados africanos foram fabricados durante a Conferência de Berlim de 26 de fevereiro de 1885. São fronteiras coloniais, amputando grandes culturas. Nunca existiu nação no sentido europeu. A escravidão foi a primeira agressão dos brancos contra a África. Depois veio a ocupação territorial, a pilhagem de matérias-primas. Hoje existe a ditadura de oligarquias que financiam as guerras. O futuro é imprevisível.

Como coroamento, a opinião de um filósofo europeu sobre a África, evidentemente um cochilo terrível: “A África é em geral uma terra fechada. Entre os negros é realmente característico o fato de que sua consciência não chegou ainda à intuição de nenhuma objetividade, como, por exemplo, Deus, a lei, na qual o homem está em relação com sua vontade...é um homem em estado bruto” Hegel, G.W.F.(1770-1831): *Lições sobre a Filosofia da História* apud Henrique Dussel.1492: *O encobrimento do Outro. A origem do mito da modernidade*. Vozes,1993, p. 9). Julgamento trágico que ainda assombra o inconsciente dos políticos e diplomatas.

Escreve Roger Garaudy(*Deus é necessário? Avons-nous besoin de Dieu?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1995): “...na Europa, e somente a partir do séc. XVI, manifestou-se a pretensão do homem de gerir

o mundo no lugar de Deus. Esse homem aspirou a outro triunfo: tornar-se amo e senhor da natureza através de uma ciência e técnica que também lhe confeririam poder sobre os outros homens em todos os continentes do planeta(p. 11)”.

Mas, como ressalta o teólogo Pablo Richard (1492: *A violência de Deus e o futuro do Cristianismo. Concilium: A voz das vítimas* Petrópolis:Vozes, 1990, p. 60 s.) o genocídio e o massacre que começaram em 1492 não teriam sido possíveis sem uma teologia adequada. Examina a postura do teólogo Juan Ginés de Sepúlveda(1490-1573). Este, segundo Richards, era lúcido e universal, isto é, dizia claramente o que todos pensavam e faziam. Para Sepúlveda a conquista,com seu séquito de crueldades era legitimada pelo direito natural. Seu tratado foi proibido porque desmascarava a fúria dos conquistadores. Aconselhava aos soberanos a submeterem com as armas, se não for possível por outro caminho, aqueles que por condição natural devem obedecer aos espanhóis. Via perfeita justiça nas ações dos espanhóis, “homens probos e justos” dominarem aqueles que não eram. O discurso atual da política externa do governo norte-americano propõe-se, também, a “espalhar” a democracia até mesmo com o uso da força. No século XV a palavra de ordem era “evangelizar”, hoje, “democratizar”. Tudo é válido nessa missão para submeter os bárbaros de ontem e de hoje, mesmo que a custo de bombardeios cruéis.

A professora de Estudos Orientais e Civilização Islâmica Yasmin Anukit, relata que, a partir de 17 de janeiro de 1991, durante 42 dias ininterruptos, Bagdá recebeu, em bombas, o equivalente ao que foi despejado sobre Hiroxima. Além disso, 300 toneladas de lixo radioativo- urânio empobrecido – foram atiradas. Devido ao embargo vergonhoso, hoje sabemos dos desvios bilionários, mais de 1 milhão e meio de iraquianos morreram e mais de 800 mil crianças morrem lentamente nos hospitais que sobraram dos bombardeios. Os bombardeios anglo-americanos ininterruptos já somam 200 mil toneladas de bombas em 12 anos. Tudo isso em nome de “espalhar”

a democracia no Iraque, libertando-o do tirano, que foi amigo íntimo dos presidentes americanos enquanto durou sua guerra contra o Irã. (artigo da profa. Yasmin publicado no Jornal do Brasil de 2 de fevereiro de 2003, p. A18).

O desejo de poder, de fartura e de crescimento, nos sécs. XVIII e XIX, esperou indefinidamente por sua realização. Esse triunfo provisório - pelo qual multidões foram sacrificadas - foi chamado, pelos ricos e seus ideólogos, de “progresso”. Na primeira metade do séc.XX, a grande crise de 1929 e duas guerras mundiais recolocaram em questão esse otimismo. Então, nasceram, de Heidegger a Sartre, e mais tarde com Foucault, as ideologias sem esperança, ideologias do nada e do não-sentido(non-sens), e da morte do homem após a morte de Deus.

Sartre, em plena ocupação, em 1942, expressou essa angústia diante da existência. “O homem é o ser que planeja ser Deus...Mas, diz ele, a idéia de Deus é contraditória e nos perdemos em vão; o homem é uma paixão inútil”. Estas são as últimas palavras de *O ser e o nada*. Garaudy cita N Wiener como o apelo à máquina. Conclui Garaudy: “Essa demissão do homem nos leva, atualmente- após o “pretensioso parêntese” de cinco séculos - , a formular uma estranha pergunta. Não podendo a máquina resolver as nossas interrogações sobre os fins últimos e o sentido da vida, *precisamos mesmo de Deus? De que Deus?* Esse “parêntese pretensioso”na epopéia humana é o do Ocidente desde a “Renascença”. O Ocidente é um acidente.

O egoísmo triunfante da civilização contemporânea, possuindo suas raízes no século das “grandes navegações”, sempre agiu no vazio. Sempre acalentou a ilusão de ser o único, o melhor. Jamais os “conquistadores”, os inquisidores e os torturadores pensaram, por um momento sequer, que o “outro” eram eles - “je est un autre” diz o poeta, eu sou um outro. Isto significaria uma luz nas trevas do fanatismo e teriam escapado da demência. Quando

nos projetamos no outro, intuindo-o com suas dores, torna-se impossível imaginar a tortura, a chantagem, o crime. Seria suicídio, auto-agressão, contrários à harmonia interior: é alienação.

Viramos nossos inimigos. Ai de nós! pela educação competitiva, fomos criados para a solidão: o outro é o obstáculo a ser superado. Nesta competição, lutamos sozinhos: o outro é o rival, delator, o inimigo, a ameaça.

Felizmente, ao enfrentar nossa realidade interior, descobrimos um continente. Vemo-nos povoados, habitados, aquecidos. Ressoa até nossos dias e permanecerá muito depois de nossa partida, a mensagem indelével dos diálogos imortais de Platão (428-348 antes de Cristo). Nestes, Sócrates vive para o Outro. O maior encanto da filosofia grega é esse ambiente de carinho, de consideração. Atmosfera de “ágape” que, em misteriosa sintonia, foi também o repasto dos primitivos cristãos, a eucaristia em seu esplendor! Amizade superior ao simples sentido erótico da posse.

Todo o trabalho da psicanálise contemporânea consiste em restaurar no paciente esta noção preciosa do auto-hetero-respeito. Respeito por si próprio, haurindo sua força no respeito ao outro. Viemos ao mundo pelo outro.

Quando nos achamos incapazes da afeição desinteressada, quando não vemos no “amor” senão uma troca de favores – quando nos afastamos, recusamos o ameno convívio diário, sentimos na carne os efeitos devastadores da educação para a “vitória”. Triste vitória, a do herói que se ergueria sobre uma montanha de cadáveres!

A intuição miraculosa do Salmista percebeu a “necessidade” que tem Deus dos homens: “Clamo a vós, ó Senhor -sem cessar todo o dia,/Minhas mãos para vós se levantam em prece,/ Para os mortos, acaso, faríeis milagres?/poderiam as sombras erguer-se e louvar-vos?/ No sepulcro haverá quem vos cante o amor e proclame entre os mortos

a vossa verdade?/Vossas obras serão conhecidas nas trevas? /Vossa graça, no reino onde tudo se esquece?” (Salmo 87).

Intuição notável a do salmista, tragicamente olvidada pelos falsos líderes que se acumpliciaram com os adoradores da morte. Nossa civilização, hoje, ressuma odor de morte. Entretanto, exatamente desta “morte” surge a “vida”, como da lama do pântano nasce o lótus, flor misteriosa dos deuses da Índia.

Nosso cometimento com a aventura espacial, as conquistas da física moderna, os milagres da medicina em nossos dias, a espantosa simultaneidade de acesso à informação global, as grandes explorações do homem dentro de si próprio, a descoberta de níveis mais profundos de fontes perenes de nossa espiritualidade, mundos inexplorados detendo recursos inexauríveis de refazimento psicossomático, constituem as flores da primavera na terra dos homens.

Perdidos no turbilhão da violência no cenário nacional e internacional, buscamos desesperadamente a saída de emergência.

Examinemos as entranhas da crise. Salta aos olhos a evidência gritante: o poder destrutivo das ideologias religiosas, mola-mestra no palco dos acontecimentos.

Cristianismo e Islamismo não são ideologias, adverte o teólogo Karl Rahner. São formas legítimas de se buscar o Inefável. Mas, ao tentar impor ao Outro a minha crença, minhas convicções, meu entusiasmo, transformo a religião numa pragmática temporal, secular. Pior ainda, vem este esforço ligado ao conceito altamente inflamável de política. Podemos contar com a explosão catastrófica.

Giovanni Reale (*O saber dos Antigos*) comenta o diagnóstico de Heidegger sobre nosso presente. Este é fruto de uma deformação da história do Ocidente que é o nihilismo. Significa o desaparecimento da dimensão da transcendência. São verdades

enlouquecidas, causando tanto o martírio de mulheres e homens-bomba quanto bombardeios crudelíssimos sobre o Afeganistão e o Iraque. Tudo em nome de Deus!

O fundamentalismo cristão é fascista e racista.

O escritor Carlos Fuentes desmascarou o prof. da Universidade de Harvard, Samuel Huntington. Este último, autor do *Choque de Civilizações* que é um manifesto fundamentalista do capitalismo, continua o encobrindo o Outro. Declarou que os mexicanos acabaram com o sonho americano. Por mexicano, leia-se a alta taxa de natalidade dos hispânicos nos EUA e sua incapacidade de comungar valores anglo-protestantes. Fuentes acrescenta que para Huntington, bons norte-americanos são de Plymouth, no estado de Massachusetts, berço do primeiro assentamento europeu na Nova Inglaterra. Como corolário, apenas os *Wasps* (sigla em inglês de branco, anglo-saxão e protestante) merecem entrar no reino dos céus.

Mas a forma letal da ideologia religiosa é a econômica. Significa uma concepção desprovida de toda esperança.

A Veneranda Joanna de Ângelis (*O Despertar do Espírito*) denuncia a tecnologia desalmada, a sociologia escrava de grupos e de governos insensíveis, criando os monstros que se voltam contra todos. Havendo eliminado o *sagrado* mediante a zombaria, o desrespeito pelas heranças culturais e antropológicas da crença na imortalidade da alma e em Deus, desestruturaram o ser humano e nada lhe ofereceram como substituto, deixando-o sem rumo. Vemos assim lares totalmente desestruturados nos bolsões da miséria sócio-econômica e uma casta alucinada pelo excesso de consumo. Viviane Forrester (*O horror econômico*) descreve os horrores da ferocidade econômica. Quem de nós grita ao saber que no Brasil, na Índia, por exemplo, há pobres que vendem seus órgãos (rins, córneas etc.) a fim de subsistir por

algum tempo? Mas, ao lado das trevas, permanecem as Verdades imperecíveis, proclamadas por todas as religiões: só o Amor vence a Morte.

Conclusões: Neoliberalismo, Globalização e a Divisão do Mundo entre Pobres e Ricos.

1. A globalização econômica perpetua as tendências surgidas desde o século XVI. Trata-se da ‘economia mundo’ na expressão de Fernand Braudel (Civilização material, economia e capitalismo secs. XV e XVIII). O século das navegações!
2. Liberalismo:
Antes de ser “imperativo mundial”, impondo-se fora do campo econômico, achamo-nos diante de uma situação de coesão sistêmica, cujas firmas transnacionais são atores privilegiados e cujos ‘agregados’ mundiais (cotação das divisas fortes, preço das matérias primas, taxas bancárias, margens comerciais são os indicadores principais).
3. À escala do mundo, a economia tornou-se um fim em si própria, um sistema ao qual estão submetidos todos os outros setores da vida social.
4. A uniformidade estéril e implacável e o bombardeio da cultura de massa.
A mesmice dos aeroportos, televisões, música, publicidade, bebidas, roupas, carros, arquitetura e urbanismo, estandarização, homogeneização, uniformização que resulta em reações irracionais, a saber:
5. Fundamentalismos e integrismos: a volta ao texto fundamental: ressurgem nacionalismos doentios, os horrores da “limpeza étnica” que é a doença das mais temíveis do território. Felizmente os intelectuais já alertam para a cultura ameaçada”

6. O que podem os protestos contra o poder do movimento de globalização da economia? Este movimento já se acentuou pela aceleração das trocas comerciais entre as nações após a criação do GATT em 1947.

Estas trocas, devido à rapidez das comunicações do baixo custo, explodiram. Multiplicam-se superlativamente os fluxos comerciais e financeiros.

Um dado importante a ser comentado: a velocidade da mundialização é tanto mais rápida quanto cada vez menos material se torna este fluxo de serviços, dados informáticos, telecomunicações, mensagens audiovisuais.

7. Mas, após alguns decênios de consenso relativo ao livre câmbio, a interpenetração dos mercados industriais, comerciais e financeiros começa a criar graves problemas de natureza política.

Muitos governos, lutando contra a recessão, questionam os benefícios desta “economia global”, cuja lógica temível tentam compreender.

8. Mesmo os assalariados de países de origens das poderosas transnacionais são integrados, a despeito de seus protestos, no mercado internacional de trabalho (melhor dizendo, na divisão internacional do trabalho). Obviamente o nivelamento se faz por baixo, com acintosa deterioração da proteção social. A revolta em países como Alemanha e França já é uma reação saudável. As advertências da Organização Internacional do Trabalho se tornaram letra morta. Comenta o jornalista Newton Carlos:

Nos Estados Unidos cresce enormemente o número de clínicas para animais e 40 milhões de americanos não dispõem de cobertura sanitária. Revela a ONU que 358 multimilionários espalhados pelo mundo superam a soma dos caixas de países com 45% da população do planeta.

Outra vez os Estados Unidos: 28 milhões vivem hoje em condomínios fechados, o que torna os gastos com guardas privados maiores do que em segurança pública. São os novos “barões feudais”, ricos e poderosos e também temerosos, a toda hora exigindo aparatos judiciais cada vez mais draconianos, embora sejam desertores contumazes do pagamento de impostos. ...A questão das desigualdades sociais invade a agenda do Primeiro Mundo. O estudo mais amplo a respeito, divulgado há pouco, “sugere” que um em cada seis europeus vive em lar empobrecido. Total de 57 milhões. Não somente a tragédia, ou o escândalo, do desemprego. Há salários degradados e idosos desempregados. Nos anos 80, do “individualismo liberal” de Reagan e Thatcher, os ricos americanos (250 mil em 1977, um milhão e meio em 1988, etc.) elevaram de 31% para 38% a sua fatia da renda nacional. “Mobilidade para baixo” ou “entupimento dos canais de promoção social”...Na época os membros do seletto clube dos executivos americanos ganhavam 40 vezes mais do que o salário médio do país. Hoje ganham 200 vezes mais.” (Jornal do Brasil, 2ª feira, 16/6/97, 1º caderno, p. 9).

9. O que deseja a empresa global? A: aumento permanente da produtividade, tendo como objetivo exclusivo o lucro máximo. B: Buscam, pelo deslocamento ágil, custos salariais mais baixos para produzir e vender para populações de alto nível de vida. Alguns economistas já definiram este objetivo: procuram-se salários “africanos” e preços “europeus”. Resultado, deslocamento das firmas para os países do Sul e, ao Norte, automação, robotização e uma nova organização do trabalho, causando dispensa em massa, traumatizando os países desenvolvidos. Esta destruição de milhares de empregos não é compensada pela criação de outros empregos em outros setores.

10. Caminhamos para o “tecno-apartheid” global. Como difere a organização mundial hoje, quando pensamos na divisão do mundo durante os anos da guerra fria. A globalização desintegrou o império soviético. A queda do muro de Berlim em 9 de novembro de 1989 é a data simbólica desta desintegração, jamais prevista pelos “estudiosos” ou “especialistas”.

A África era mantida, interessava auxiliá-la para não ser engolfada pelo ‘comunismo’. Hoje, a África é um continente em ruínas.

11. Desapareceu, parcialmente, a idéia da conquista “ideológica” das Nações e a corrida armamentista. Surge o *apartheid* global que é um arquipélago de cidades-regiões muito ricas, hiperdesenvolvidas no plano tecnológico, industrial e financeiro. Localizam-se em meio ao oceano de uma humanidade cada vez mais pobre, segundo o Relatório sobre o Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) dos últimos anos: 40% dos seres humanos devem sobreviver com 3,3% da renda mundial! O Relatório do PNUD de 1997 denuncia: “Em 1996, o patrimônio dos dez bilionários mais ricos é de 133 bilhões de dólares, ou seja mais de uma vez e meia o produto nacional bruto de 48 países subdesenvolvidos.

Os bens do Mexicano mais rico do país atingem a soma de 6 bilhões e seis milhões de dólares em 1995, ou seja a renda acumulada de 17 milhões de seus concidadãos. Mais grave ainda é que “torna-se possível erradicar a pobreza extrema daqui até o início do próximo século. Este esforço custaria 80 bilhões de dólares por ano, ou seja menos do que o patrimônio líquido acumulado das 7 pessoas mais ricas do mundo. Mas torna-se necessária uma distribuição de riquezas mais justa. “Irrealista”!, zurram todos os defensores do neoliberalismo!

Algumas cidades-regiões, graças às novas tecnologias de informação, comunicação e transporte, encontram-se ligadas entre si por intermédio das empresas multi e transnacionais. Estas estão conectadas no centro dos aglomerados financeiros e industriais mundiais, na conquista incessante de novos mercados. Nasceram, desse modo, malhas que transcendem a moldura tradicional do Estado-nação. Documento publicado pelo Estado de Singapura, em 1992, "Information-Technology 2000: Singapore's Plan for an Intelligent Island" demonstra, pelo título, este novo conceito elitista no espaço asiático.

Na Europa ocidental há dez principais "ilhas de inovação" a saber: a região de Londres, Rotterdam/Amsterdam, Ile-de-France, a bacia do Ruhr, Frankfurt, a região de Stuttgart, Munique, Lyon/Grenoble, Turin e Milão. Estas cidades-regiões concentram dois terços dos gastos públicos em pesquisa e desenvolvimento(RD) comunitário e nacional. Chega a 90% sua concentração em ações da cooperação científica e tecnológica da Comunidade Económica Europeia no domínio da inteligência artificial, biotecnologia, aeronáutica e ciências espaciais.

12. Entretanto, ao colocar a ciência e a tecnologia quase que exclusivamente a serviço de objetivos mercantis e da competição das empresas multi e transnacionais, os governos nacionais estão acelerando o seu declínio e se tornando cúmplices de uma ESTRATEGIA DE DESENVOLVIMENTO que traduz, de acordo com o relatório do PNUD e do Banco Mundial, pela exclusão fatal da maior parte da população do planeta.
13. O Governo ausente. - Nos conjuntos continentais e intercontinentais(Europa, América do Norte, Ásia do Sul), algumas cidades-regiões se estruturam e se integram mais no plano económico, político e cultural. Por exemplo, as tres

as cidades regiões mundiais de Nova York, Londres e Tokyo albergam a sede de 80% das maiores sociedades financeiras e industriais, e mais de 2/3 das transações financeiras do Planeta são negociadas nestas cidades!

Na Europa comunitária, número expressivo de instituições, projetos e acordos de cooperação surgiram entre Barcelona, Lyon, Milão e Stuttgart, sem a menor participação de governos ou ministérios.

14. Uma nova “fase hanseática” da economia? A Liga Hanseática foi a associação dos mercadores alemães das cidades da Alemanha do norte e da Europa setentrional. Buscavam assegurar privilégios junto a soberanos estrangeiros e a segurança do comércio terrestre e marítimo. Em 1241 Hamburgo e Lübeck lideram a lista das cidades-empórios. Riga já vinha desde 1201 e Dantzig (hoje, Gdansk, na Polônia) em 1224.

A Liga Hanseática chega ao apogeu do fim do século XII até o final do século XV. Chegou a congregar mais de 70 cidades. E os portos de Bremen, Stettin, Königsberg (hoje Kalinigrad) entre muitos outros.

Esta nova fase “hanseática” é estimulada pela aproximação “triádica” do desenvolvimento capitalista, a saber: rede de alianças estratégicas interempresariais de americanos, japoneses e europeus. Esta idéia “triádica” é o atual desenvolvimento da “operação trilateral” que iniciou acordos entre os três blocos. Deve ser também compreendido o sul asiático sobretudo no domínio tecnológico. Já surgiram algumas mega-cidades-regiões que constituem o centro nevrálgico dos mercados e do fluxo financeiro mundiais: Londres, Nova York, Tokyo, Toronto, Chicago, San Francisco, Los Angeles, Houston, Miami, México, São Paulo, Seul, Taipei, Hong-Kong, Singapura, Bangkok, Paris, Lyon, Copenhagen, Zurique, Viena, Milão Munique, Barcelona.

Amanhã, talvez, Shanghai, Cantão, Bombaim, Calcutá, Lagos, Rio de Janeiro e Roma.

15. Estes centros lutam pela conquista estratégica, supremacia e tecnológica e econômica (ser ou tornar-se o número Um). Tentam captar os 800 milhões de consumidores das cidades-regiões e dos países mais ricos.

Entretanto, trata-se de uma estratégia oportunista, utilitarista e sobretudo míope. Assim agindo, estas empresas e os governos estão excluindo qualquer preocupação com as necessidades do desenvolvimento de 7 bilhões de seres humanos que habitarão o planeta em 2020. Sem se falar na situação já catastrófica nas cidades-regiões mundiais tais como São Paulo, México e Hong-Kong.

A exclusão já atingiu duramente até as cidades-regiões ricas deste arquipélago da prosperidade: já são quase cinquenta milhões de pobres no seio dos países da comunidade européia.

16. Reduzir a imensa maioria da população a uma situação miserável é injusto além de insuportável e inviável. Vivemos num mundo ecologicamente interdependente e fragilizado, bem como exposto a imprevisíveis e irresistíveis movimentos migratórios. É necessária uma luta global contra o tecno-apartheid mundial.

17. Estas empresas, longe de serem mundiais são, de fato, triádicas, isto é, intervém essencialmente em 3 (três) polos dominantes: América do Norte, Europa Ocidental e zona Ásia-Pacífico.

Nestas economias supostamente globais, mas na verdade excludentes, nem o capital, nem o trabalho, nem as matérias primas constituem, em si, o fator econômico determinante. O importante é a relação otimizada entre estes tres fatores. Para estabelecer esta relação, as firmas não levam em conta as fronteiras e regulamentos. O que lhes interessa é a exploração inteligente que poderão fazer da informação, da organização

do trabalho e da revolução da gestão (reengenharia social, qualidade máxima, e outros modos de burlar as leis trabalhistas e explorar ao máximo a força de trabalho a preço vil, etc.) E isto acarreta uma ruptura das solidariedades no seio de um mesmo país. O engenheiro logístico americano está ligado à rede mundial pelo computador, pelo fax e depende muito mais dos engenheiros de Kuala-Lumpur, dos fabricantes de Formosa, dos banqueiros de Tokio e de Bonn, dos especialistas de vendas e de marketing de Paris e de Milão, do que dos trabalhadores comuns, rotineiros, de uma fábrica no outro lado de sua própria cidade. Esta é uma das facetas da economia globalizada.

18. O sistema monetário internacional, surgido da Conferência de Bretton-Woods, em 1944, foi acelerado enormemente pelos mercados monetários e financeiros. O “big bang” das Bolsas e a desregulamentação em grande escala permitem aos fluxos de capital deslocar à velocidade da luz, estimulando uma temível especulação. As transações financeiras se efetuam continuamente, ao longo das vinte e quatro horas de um dia. Os operadores podem intervir, em tempo real, nos mercados de Tokyo, Londres ou Nova York. A economia financeira supera, de longe, a economia real e aumenta as taxas de juros que atingem níveis históricos, limitando a margem de manobra dos atores econômicos. Como consequência temos o moto-perpétuo das moedas e das taxas de juro. Estes se tornaram imenso fator de instabilidade, tanto mais quanto o sistema é autônomo, cada vez mais desconexo do poder político.
19. É a espinhosa questão do papel do Estado! Não controla mais o fluxo do dinheiro, da informação ou da mercadoria, mas continua sendo o responsável exclusivo pela formação dos cidadãos, da ordem pública interna, duas missões que dependem visceralmente do estado geral da economia.

Felizmente, após quinze anos de excessos neoliberais, renasce a idéia de que um governo não pode mais deixar a economia entregue a si própria. Em todos os lugares faz-se sentir a necessidade do Estado a fim de corrigir os graves inconvenientes da globalização.

No Japão, nos Estados Unidos, na França e Inglaterra, as eleições recentes são uma demonstração bem eloquente da necessidade de se respeitar uma gama de valores sociais, mesmo que seja por simples estratégia. Os governos não hesitam em demonstrar sua vontade, recorrendo a medidas keynesianas e propondo planos de reabilitação.

20. A nova teoria econômica não crê mais na infalibilidade do mercado. Busca uma passagem para algo que pode ser denominado de pós-capitalismo. Nem o Estado-providência dos social-democratas, nem o Estado mínimo dos ultraliberais; busca-se o Estado que proteja uma economia com mercado, mais cuidadoso com a solidariedade social, corrigindo e emendando as derrapagens, perigos e as segregações da globalização. Ai de nós! Será preciso pagar a conta do mercado mundial e a conta é alta! Esta conta possui vários itens que integram um sofisma criminoso, porque mata de fome bilhões de seres humanos.

21. Inicialmente, define-se neoliberalismo ou globalização também pela expropriação dos produtores submetidos a este processo sobre o qual não possuem o menor controle. Limitam-se a fornecer alguns itens para conjuntos. Outra característica negativa é a domesticação dos consumidores, dos seus hábitos, gostos, etc.. com a consequente fragilização resultante de condições tanto técnicas quanto comerciais prevalecendo em escala mundial.

Surgem tecnologias revolucionárias que, adotadas instantaneamente, tornam obsoletas, da noite para o dia, toda

uma linha de produção. As antenas parabólicas se tornaram obsoletas antes mesmo de serem comercializadas em larga escala.

22. Caveat lector. Surgem aspectos ameaçadores, no atropelo da globalização. Diga-se de passagem que o Tratado de Maastricht, assinado no Sul da Holanda, pelos Chefes dos 12 Estados da Comunidade Econômica Européia (CEE) em 9 e 10 de dezembro de 1991, preocupou-se mais com os aspectos monetários e políticos, olvidando propositalmente as questões sociais. Abriu uma brecha perigosa no “espaço Schengen” para atuação privilegiada das máfias dos diversos setores. É impotente para lutar contra o desvio fraudulento de somas astronômicas das administrações públicas européias (e mundiais), facilita a lavagem do dinheiro da droga, do desperdício, de quadros roubados, das espécies de animais em vias de extinção e por isso mesmo valiosas.
23. A principal característica do neoliberalismo é usar o discurso hipócrita da “liberalização integral”, do “tudo pelo mercado” etc.. . Estas ocorrências não se estabelecem pelo jogo “espontâneo” das forças econômicas! Absurda ingenuidade! O neoliberalismo está apoiado em estruturas de intervenção autoritária, agindo em escala mundial. Como exemplo, passamos pela vergonha da doação forçada da Cia. Vale do Rio Doce, já determinada há tempos, pelos famigerados “ajustes estruturais” sugeridos pelo FMI, sob a determinação do Banco Central Norte-americano, o verdadeiro “patrão” do FMI. Não vamos nem tocar na fantasia do “real”, pois já fora determinado com ou sem “inventores” pelo Banco Mundial. Estas estruturas autoritárias seguem a direção dos países mais industrializados, o G-7, tendo cinicamente acolhido a Rússia em seu clube privado, agora G-8. Todos sabemos que o

interesse em acolher a Rússia é retirá-la da órbita chinesa, o temível dragão do século XXI.

Todo o G-7(8) , isto é, os banqueiros, orientam as “ações reguladoras” do Banco Mundial.

24. Enfim, o Planeta encontra-se “ligado” a uma rede vastíssima de comunicações de toda ordem. Os aspectos positivos residem na varredura planetária das informações, na dilatação do horizonte mental e intelectual, na difusão do saber médico, entre outros.

Cria-se um imaginário comum, fundo cultural globalizado. Que se pense na difusão da música das culturas mais diversas!

Entretanto, ao lado de proezas e conquistas, no micro e no macro-cosmo, perdeu-se a noção das proporções, das prioridades principalmente. Não são mais distinguidos os níveis prioritários políticos, sociais, educacionais. Dissolveu-se perigosamente a percepção das responsabilidades.

Projetos urbanísticos enlouquecidos. Eduardo Galeano nos conta que no Chile existe uma proposta de se implodir uma montanha para arejar Santiago. E na cidade do México, a idéia mirabolante de se instalar ventiladores do tamanho de arranha-céus!

25. A sociedade dual planetária. O modelo do desenvolvimento único e coercitivo é reproduzível, mas não será jamais generalizador. É o impasse do desenvolvimento mimético. De um lado as figuras olímpicas do “jet set” planetário. De outro, bilhões de seres humanos rejeitados e vivendo na pobreza absoluta. Esta nova pobreza mundial é estrutural, não é residual, porque integra o sistema de forma obrigatória.

26. A globalização vem produzindo um gigantesco desenraizamento social e cultural em escala planetária, muito mais do que criando um mercado mundial de trabalho. Este encontra-se

absolutamente impotente ante os flagelos sociais planetários, constituídos pela imigração colossal das vítimas do terrorismo estatal. Incapaz de minorar a situação aflitiva da nova pobreza no seio das sociedades do primeiro mundo, inchando a periferia das cidades e se tornando verdadeiras bombas de efeito retardado.

27. A ecologia vive a crise global. A exploração obscena da atmosfera, das florestas, a poluição desvairada da água potável.

Note-se que o Estado generalizou-se na superfície do planeta, a partir da era das colonizações, no século XV. Entretanto, este mesmo Estado está sendo perigosamente diluído no mercado mundial. O mercado nacional está desaparecendo ante a impotência dos Estados dos países desenvolvidos e dos subdesenvolvidos. Estes últimos jamais o conheceram, tornando-se ambos vítimas fáceis das restrições e do peso da globalização econômica.

28. O novo padrão colonial não se encontra mais nesta ou naquela metrópole colonial, mas tornou-se um “poder difuso”, fruto da formidável revolução informática e da descentralização das operações econômicas.

O Estado terá de lutar contra o efeito desequilibrador deste novo fenômeno que gera, de modo implacável, pobreza generalizada, a delinquência, desemprego, migrações e o tráfico de drogas que envenena, literalmente, os circuitos bancários nacionais.

Há um risco muito grave que a globalização favoreça o surgimento de forças políticas autoritárias, com o ressurgimento das ditaduras.

29. Aumenta perigosamente o fosso entre os países do Centro e os da Periferia. Ao invés da proximidade eletrônica diminuir

a distância entre o Norte e o Sul, contribui esta para aumentar e exasperar as diferenças. O comércio entre os países ricos se intensificou, ao lado do abandono de continentes inteiros, como no caso da África.

30. Contradições e comparações bastante chocantes.

O jornalista Philippe de Revelli, enviado especial do Monde Diplomatique ao Brasil, publicou dados fornecidos pelo Instituto Nacional da colonização e da reforma agrária (Incra) que nos assustam pela comparação escandalosa. Com efeito, no Brasil, 153 milhões de hectares são ocupados por grandes latifúndios improdutivos ou para lastro especulativo. Estas terras equivalem à soma integral da superfície dos seguintes países: França, Alemanha, Espanha, Suíça e Áustria.

31. A guerra contra o Estado.

Os ministros de plantão partem, ao mesmo tempo, em escala global, na guerra contra o Estado. Nos países do Terceiro Mundo assistimos a uma caricatura da febre da “privatização”. O patrimônio público, construído com dificuldade e com recursos públicos é doado a grupos econômicos escusos, sempre os mesmos a comprar por valor simbólico um patrimônio de alguns bilhões de dólares.

Este pensamento único, esta ideologia possui alguns conceitos chaves tais como “a mão invisível corrige as asperezas e as disfunções do capitalismo”.

Sabemos muito bem onde se oculta esta “mão invisível”, nos bancos de Berlim, Zurich, Londres e Nova York. Com referência aos Bancos suíços, ficamos sabendo muito bem o destino da fortuna de seus depositantes que tiveram a infelicidade de serem judeus por ocasião da Segunda Guerra Mundial.

Outra tolice é a de que o mercado corrige as desigualdades sociais. Outra asneira colossal para a qual nossos ideólogos de

plantão não prestaram a devida atenção quando foi declarado pela burrice econômica: “a democracia não é o estado natural da sociedade, mas o mercado, sim.”

Saindo deste cipoal de afirmativas passam a promover o livre câmbio, a desregulamentação no sentido de “moderar” as reivindicações salariais, isto é, salários cada vez mais baixos, lucros obscenos, evasão fiscal escandalosa e uma especulação global, graças à revolução informática totalmente solta e sem nenhum contróle. É neste espaço cibernético em que o Estado luta para a sobrevivência do cidadão comum, do não iniciado nos mistérios da agiotagem global, que vive de um modesto salário, ameaçado de ser reduzido ainda mais. Os fundos de pensão, isto é, a garantia após anos de trabalho, o direito inalienável de receber o que se ainda se chama “aposentadoria” são jogados no bingo global, com risco de se perderem trilhões de dólares em especulação fútil e criminoso.

32. A propaganda global que oculta a miséria global.

Os atuais dirigentes econômicos chegaram ao ponto de considerar os trinta milhões de desempregados europeus, o desastre urbano, a decadência inevitável e visível das grandes cidades, os subúrbios em pé de guerra, o desastre ecológico, a volta alucinada do racismo e hordas de excluídos como uma simples miragem, um argumento retórico, simplesmente os descontentes com o pensamento único. Os grandes grupos econômicos tomaram de assalto a imprensa. Somos bombardeados permanentemente pela propaganda absolutamente imbecil sobre as excelências do mercado, a ideologia do progresso (qual progresso, para quem?), e a doutrinação do paradigma darwiniano.

33. O sistema planetário, permanente, imediato e imaterial (PPII).

Ignacio Ramonet classifica esta insânia como “o sistema PP II “que significa Planetário, Permanente, Imediato e Imaterial.

Constituem os atributos de Deus! Valores mobiliários, moderna divindade a exigir novas formas de culto e sacrifícios humanos. Daí falarmos tanto em “globalização”, em multimídia, em cultura cibernética, em mundialização. O modelo dos mercados financeiros nos faz engulir não mais as ciências naturais, ou a mecânica newtoniana, mas o cálculo das probabilidades, a teoria dos jogos, a teoria do caos, a lógica frouxa e as ciências do aqui e agora. Acaso, incertezas, desordem constituem os parâmetros para se medir a nova harmonia do mundo. O mais triste é que em meio ao desabamento de uma ordem constitucional lentamente estabelecida, conquistas sociais ameaçadas como anti-econômicas e de pouco interesse para a economia de mercado, os ideólogos do pensamento único, imposto pelos meios de comunicação, absolutamente dominados pelos seus clientes, poucas vezes se erguem contra a ameaça desta loucura global.

Arrematemos com Jurandir Freire Costa: nos sujos subúrbios ou no ronrom feltrado dos bairros chiques do dito “Primeiro Mundo”, a aspiração cultural é a mesma: explorar o corpo e a alma, até o embotamento ou a exaustão, para que a insensatez da vida que se leva não pareça tão real quanto é....Os “Iraques”, os “Rios” e os “11 de setembro” são o grasnar desse abutre moribundo e, se os mais justos e decentes não tratarem de enterrá-lo logo, mais sangue e mais cadáveres vão estar presentes no cortejo de seu inevitável funeral.